

ESCOLHER PERSEVERAR NA ORAÇÃO

Quaresma 2023 – A oração, caminho para viver a nossa vocação filial

O combate da oração

Para aqueles que começaram este caminho da oração, muitas vezes surge uma prova, que é a do vazio, do sentimento de não estar a fazer nada, aborrecimento até. Esta dificuldade vem mais ou menos rapidamente e com mais ou menos intensidade. De qualquer maneira e seja qual for a razão, vem sempre questionar-nos, e mesmo pôr em causa o nosso compromisso na oração. A dúvida parece impor-se ao nosso espírito: para quê rezar? Não estarei a iludir-me completamente? Tenho tantas outras coisas para fazer! É nesse momento que devemos ver bem claro qual é o fundamento da nossa oração. **Se não soubermos por que razão oramos não nos aguentaremos neste combate da oração.** Quando, a nível da sensibilidade, nada se passa na oração, saber orar não será saber esperar em paz? E saberemos esperar se soubermos de onde vimos e para onde vamos.

O lugar do desejo é fundamental na vida espiritual. Vemos nos Evangelhos que Jesus muitas vezes interroga as pessoas que encontra para saber o que desejam. Para a nossa vida espiritual, o Senhor vai apoiar-Se nas nossas capacidades e expectativas para nos educar, para nos fazer crescer na fé, na caridade e na esperança. Por exemplo, aquando do seu encontro com os primeiros discípulos, segundo nos relata São João, Jesus pergunta-lhes o que esperam, o que desejam: «*Jesus voltou-Se e notando que eles O seguiam, perguntou-lhes: “Que pretendeis?” Eles disseram-Lhe: “Rabi – que quer dizer Mestre – Onde moras?”*» (Jo 1,38). “*Que pretendeis?*”: a resposta a esta questão revela a intenção dos discípulos; querem acompanhar Cristo até ao local da Sua morada. E, na teologia do evangelista João, este termo remete-nos para o Prólogo escrito alguns versículos acima. A morada do Verbo é a Trindade. A resposta de Cristo convida os discípulos a continuar no seu seguimento. Ao convite de João Batista os dois discípulos já se tinham posto em marcha, agora é Cristo que, apoiando-Se na pergunta que lhe fazem, sobre o que desejam, os convida a prosseguir no caminho do seu seguimento para descobrir que morada é a d’Ele. Os discípulos não têm dúvidas sobre até onde os vai levar o seguimento de Cristo. **O que eles querem saber é onde mora Jesus de Nazaré, e irão ser introduzidos na morada do Verbo de Deus, a Santíssima Trindade.**

Os desejos espirituais

Repetidas vezes no Evangelho, Jesus se apoiará nas questões ou pedidos dos discípulos ou de qualquer outra pessoa, para lhes oferecer ainda mais. Muitas vezes as respostas ou as perguntas ingénuas



dos interlocutores de Jesus abrirão a porta a um tesouro espiritual. Interroga as pessoas sobre os seus desejos e preenche-os, muito para além das expectativas. Assim, o desejo, e por vezes esse desejo é muito material, é sublimado por Jesus para realizar a vocação mais profunda do seu interlocutor. Os dois primeiros discípulos que seguiram Jesus e que queriam saber onde Ele morava tornar-se-ão os apóstolos de Cristo ressuscitado. Às multidões, Ele dá o pão, multiplicando-o, e propõe o Pão da Vida. À Samaritana que pede água, promete o Espírito Santo. **A salvação que Jesus traz preenche e ultrapassa as expectativas e as aspirações mais profundas do homem.**

O Espírito Santo está presente nos nossos corações como um lençol de água, subterrâneo. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus e, pela fé em Cristo Jesus e pela vida sacramental, somos estabelecidos filhos adotivos de Deus, nosso Pai. Há no homem, e ainda mais no cristão, qualquer coisa que ultrapassa o humano: o Espírito do Pai e do Filho: «O amor de Deus foi derramado nos nossos corações» (cf. Rm 5,5). E o facto de haver em nós desejos espirituais é um sinal de que somos movidos pelo Espírito Santo. Não são desejos caprichosos, mas sinais da presença do Espírito Santo em nós. **Os desejos espirituais manifestam a presença do Espírito Santo nos nossos corações, tal como as linhas de água à superfície da terra são sinal duma fonte escondida.** Tal como o Espírito Santo é a vida da nossa alma, os nossos desejos espirituais são os motores e o dinamismo da nossa vida espiritual. Mas é necessário que reconheçamos a veracidade e a justeza destes desejos. Como saber se os nossos desejos são verdadeiramente frutos do Espírito Santo?

Desejos humanos e desejo espiritual podem estar misturados: isso não assusta Jesus e Ele sabe partir daquilo que há de melhor em nós. Mas nós também podemos saber que alguns desejos são por natureza os próprios desejos do Espírito Santo nos nossos corações. Escutemos São Paulo que no-lo diz: «*Mas eu digo-vos: caminhai no Espírito, e não satisfareis os apetites carnis Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne; são, de facto, realidades que estão em conflito uma com a outra, de tal modo que aquilo que quereis, não o fazeis. (...)*

Por seu lado, é este o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio.» (Ga 5,16-23)

O Espírito opera nos nossos desejos

Ao longo da nossa vida seremos levados a purificar os nossos desejos para deixar crescer esta presença do Espírito Santo que nos faz querer o que Deus quer. Deixamos crescer esta presença do Espírito Santo sendo fiéis ao desejo bom que nos anima, como indicava a epístola aos Gálatas. **Porque, ao lado do desejo que é um impulso do nosso caminhar no seguimento de Cristo, a perseverança nesta peregrinação é a condição do sucesso da nossa vida espiritual.** O desejo ocupa um papel primordial na pedagogia de Deus para nos pôr a caminho. E o desejo espiritual, como expressão da presença do Espírito Santo em nós, é o fundamento sobre o qual podemos construir a nossa morada interior. A nossa perseverança é o tempo que destinamos para a construir.

O desejo espiritual é expressão do Espírito Santo nos nossos corações: até o desejo de oração e mesmo a própria oração: «*E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: «Abbá! - Pai!» (Ga 4,6) e «É assim que também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir...» (Rm 8,26)*

Desta forma, compreende-se que, para falar com propriedade, nós não aprendemos a orar; nós fazemos em algum momento a experiência desta ação do Espírito Santo nos nossos corações que nos faz compreender o que pode ser oração. Mas a oração enquanto obra do Espírito Santo não podemos concedê-la a nós mesmos. Dispomo-nos ao dom e à ação de Deus. **O desejo de oração, como todo o desejo espiritual, já faz parte da obra do Espírito Santo em nós.** É este início de união entre o nosso espírito e o Espírito que Cristo nos enviou que nos faz desejar a oração, que nos faz voltarmos para Deus chamando-O Pai. Toda a oração, pela sua existência, testemunha que o Espírito se uniu ao nosso espírito para produzir aquilo a que chamamos impropriamente a ‘nossa’ oração. E até São Paulo nas suas epístolas nos recorda que ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor sem o Espírito Santo, nem ninguém pode dizer que Deus é Pai sem ser pelo Espírito Santo. Assim, toda a oração é trinitária e testemunha que as três Pessoas divinas agem em nós.

A resposta da fidelidade

Assim, **não há diferença de natureza entre os grandes santos e nós, pecadores crentes.** A diferença situa-se ao nível da manifestação da obra do Espírito Santo nas suas vidas. Eles deixaram que Deus tomasse posse das suas vidas e do seu ser. Nós não deixamos senão uma pequena parte ao Espírito. Fundamentalmente, **a presença do Espírito Santo é a mesma, tanto nos santos como em nós.** Mas, enquanto nós nos ficamos pelas primícias, os santos colhem frutos abundantes. Temos em nós o Espírito Santo pela fé e pelos sacramentos e a sua presença manifesta-se em nós através dos desejos espirituais. **O desafio espiritual torna-se, pois, construir a nossa vida em fidelidade aos dons recebidos.** Não vamos, portanto, produzir a oração a partir do nada, mas deixar emergir e desenvolver o que já temos dentro de nós. Deixar emergir e desenvolver, significa que tendo o Espírito feito o dom, e todos nós o recebemos, o nosso esforço na oração situa-se na duração, no desenvolvimento ao longo do tempo. **Não se trata de criar qualquer coisa, ou de esperar algo vindo de fora, mas de deixar que se desenvolva um dom já recebido.**

Deixar emergir e desenvolver o dom do Espírito Santo nos nossos corações, essa é a nossa tarefa espiritual. E na oração, **este trabalho assemelha-se mais a uma espera, uma vigília, do que um conjunto de coisas a fazer.** A espera é uma atenção amorosa ao dom de Deus, à sua presença. Consiste mais de dar-lhe lugar do que em ocuparmo-nos a nós mesmos. Conscientes do mistério da nossa comunhão íntima com o Senhor, tentaremos colocar-nos em atitude de disponibilidade. O recolhimento, através de diferentes maneiras de abordar a oração, tende, não a ocupar-nos sem nos aborrecermos durante a oração, mas em abrimo-nos ao que já nos está presente. A atenção amorosa Àquele que já está presente, a disponibilidade e a escuta da Palavra de Deus, são a nossa maneira de vigiar e esperar. Esperamos porque estamos num hiato entre os dons já recebidos e as promessas de Cristo e, diante de nós, está a plena realização destas promessas e desses dons. **Saber orar é, pois, saber esperar**

A nossa oração e a nossa vida espiritual nunca são tão áridas que não possamos fazer memória dos dons recebidos e do conhecimento adquirido do mistério. Fazer memória, a anamnese, é um ato religioso fundamental na tradição judaico-cristã. A nossa espera e perseverança nunca são apenas um olhar para o futuro. **Apoiamo-nos no passado, na nossa experiência e conhecimento, para confirmar a nossa fé e esperança nos bens que virão.**

O dom da perseverança

Acima de tudo, é importante não nos cansarmos e especialmente não desanimarmos por não sabermos orar. A oração é o fruto, o princípio da união entre o nosso espírito e o Espírito Santo: por isso, não podemos alcançá-lo sozinhos. Podemos adquirir os meios para favorecer esta união, mas não a podemos criar por nós mesmos. Orar, tal como amar, não é um exercício de ginástica em que seja suficiente fazer tal ou tal gesto para alcançar o objetivo. **Orar, tal como amar, é um dom e uma experiência de relações.** Podemos no máximo dispormo-nos à oração, mas não realizar a oração, a comunhão. Dispomo-nos a um encontro, vigiamos sem nos cansarmos, mas nós sozinhos não conseguimos realizar o encontro. Assim, **não podemos desfazer-nos da impressão de que não sabemos rezar. Se pensarmos que já sabemos rezar,** não poderá isso ser um sinal de que nos agarramos à nossa própria oração, mais do que a recebemos do Espírito Santo? E a nossa vigilância não será uma expectativa de ficarmos satisfeitos no fim do tempo de oração, em lugar de ser uma espera de que se dê um encontro, cujas condições não dependem completamente de nós? Não sabemos rezar porque a oração não a adquirimos por nós próprios. É a manifestação do Espírito Santo nos nossos corações que produz a verdadeira oração (cf. Rm 8,26). **Cansar-nos-emos de rezar tanto mais depressa quanto mais pensarmos poder obter pessoalmente um resultado tangível.**

Orar, tal como amar, é uma abertura de si a um dom, para receber o outro. O que depende de nós é a abertura e o dom de nós mesmos: e não podemos forçar o outro ao encontro connosco. Daí que a atitude do orante é de espera e vigilância perseverante, antes de ser a alegria do encontro. Por parte do homem, a atitude de oração é a própria espera. O encontro dar-se-á: temos essa certeza, porque o nosso desejo é-nos dado primeiro pelo Espírito Santo. Mas não controlamos nem a hora nem o local em que se dará o encontro. A perseverança alcançar-nos-á aquilo que esperamos (cf. Lc 11,9-13). **A nossa espera perseverante é o que nós podemos dar. E apoiamo-nos nas promessas de que Deus realizará a sua obra em nós, tal como nos apoiamos nos sinais e primícias do Espírito Santo nos nossos corações.**

Assim, experimentamos no concreto da nossa oração que **o que depende de nós é pôr por obra as atitudes filiais que Jesus nos ensinou:** tirar tempo para nos voltarmos para o Pai, reconhecer-l'O como Pai, fonte da nossa vida, receber a sua Palavra como alimento, dizer-Lhe e reafirmar-Lhe a nossa confiança num ato de profundo reconhecimento e adoração, e manter assim viva a nossa esperança.

Pistas para fazer minha a meditação

- Para viver o melhor possível este tempo de espera, qual é o meu desejo profundo, o que gostaria eu de receber do Senhor?
- Em que é que isto corresponde ao desejo de Deus sobre mim?
- Vivo pacificamente o que pode parecer uma ausência de Deus, o seu silêncio, numa atitude de oferenda pessoal e de esperança?

Fr. Antoine-Marie Leduc,
ocd (convento de Avon)



Segunda-feira, 27 de março: Seguir o movimento da Graça

«Fiel é Deus por Quem fostes chamados à comunhão com o seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor.» (1Co 1,8-9)
«Jesus, pela vida que derrama, quer identificar-nos com Ele, quer que entremos na vida da Trindade. Ele encontra-Se lá como Filho e nós entraremos como filhos adotivos pela graça que é dada a cada um» (B. Eugénio Maria do Menino Jesus, Escritos Inéditos)
Deixo que o Espírito reze em mim «Abbá, Pai». Sigo o movimento da graça que me volta para o Pai e agradeço-Lhe.



Terça-feira, 28 de março: Esperar na fragilidade

«Aquele que Me enviou está comigo. Ele não Me deixou só porque faço sempre o que Lhe agrada.» (Jo 8,29)

«A nossa graça filial não desperta, não entra em ação de forma continuada, a não ser como fruto deste nosso sentimento de fragilidade. A pobreza experimentada na oração, na nossa vida espiritual, em vez de nos fazer dobrar sobre nós próprios deve lançar-nos para o bom Deus.» (B. Eugénio Maria do Menino Jesus, Escritos Inéditos)

Que fragilidade posso apresentar hoje ao Senhor?

Quarta-feira, 29 de março: Deixar a liberdade a Deus

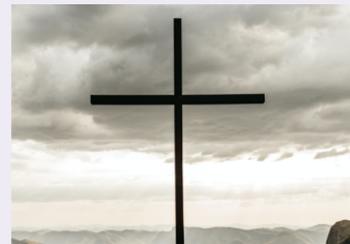
«Pois bem, se o Filho vos libertar, sereis realmente livres.» (Jo 8,36)

Qual será então a alegria de Deus quando encontrar uma alma que Lhe deixe toda a liberdade e em quem Ele Se possa derramar na medida do seu desejo!» (B. Eugénio Maria do Menino Jesus, Quero ver a Deus.)

Há espaços na minha vida que têm necessidade de ser libertados por Deus?



O Prisioneiro de Chillon Eugène Delacroix



Quinta-feira, 30 de março: «É Ele o Senhor, nosso Deus.» (Sl 105, 7a)

«Se Eu Me glorificar a Mim mesmo, a minha glória nada valerá. Quem Me glorifica é o meu Pai de Quem dizeis “é o nosso Deus”; e, no entanto, não O conheceis. Mas Eu conheço-O (...) e observo a sua Palavra.» (Jo 8,54-55)

«Pai nosso que estais nos Céus. Ó meu Senhor, como pareceis Pai de tal Filho e o Vosso Filho como parece filho de tal Pai! (Santa Teresa de Jesus, Caminho de Perfeição, 27,1)

Jesus, tu és o Filho, desperta a Fé no mais íntimo da minha vida. Volta-me para o Pai!

Sexta-feira, 31 de março: «Tu tens palavras de vida eterna!» (Jo 6,68)

«Mostrei-vos muitas obras boas da parte do Pai. (...) A Mim, a quem o Pai enviou ao mundo como é que dizeis: “Tu blasfemas?” por Eu ter dito: “Sou Filho de Deus”. (Jo 10,23b.36)

Se quiseres que Eu te diga uma palavra de consolação, contempla o Meu Filho, obediente e preso por Meu amor, em agonia, e verás quantas te dirá. (São João da Cruz, Subida do Monte Carmelo, II, 22,6.)

Olho para Ti, Jesus, Tu que és o Filho Bem-Amado do Pai; estás aqui como «sinal de contradição»... Faz-me viver da tua oração filial porque foi a Ti, Pai, que eu «entreguei a minha causa».



Sábado, 1 de Abril: «Nas tuas mãos entrego o meu espírito; Senhor, Deus fiel, salva-me.» (Sl 31,6)

«Jesus devia morrer pela nação. E não só pela nação, mas para congregar na unidade os filhos de Deus que andavam dispersos.» (Jo 11,51-52)

«O sofrimento, aceite e oferecido, faz de nós salvadores. ‘Sem efusão de sangue, não há remissão dos pecados’ (Hb 9,22) E ocasiões não nos faltam.» (P. Jacques de Jésus)

Jesus, transforma a minha vida na tua. Toma-me na tua vida oferecida, aquela que Tu recebes do Pai para derramar sobre todos a sua bondade.